ativamente com nossa Universidade. Guardo excelente recordação do convívio com o grande mestre, pois, por uma feliz coincidência, nossos dias de aulas eram os mesmos. Tive-o por companheiro não só nos trabalhos universitários, mas nas viagens que semanalmente empreendíamos e ainda nos momentos de lazer, especialmente à hora das refeições, quando todos nós, professores, nos beneficiávamos de sua agradabilíssima conversa, alicerçada sempre em sólido saber.

Era professor de Literatura Francesa, mas seus interesses culturais eram os mais variados, tendo-se dedicado, inclusive, à pesquisa histórica, produzindo alguns livros do mais alto interesse para o estudo das relações culturais entre o Brasil e a França, sua pátria. Muito escreveu em revistas brasileiras e francesas e, nestas, teve sempre a preocupação de divulgar em seu país os autores brasileiros. Do que publicou em livro, recordo **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (editado na prestigiosa coleção "Brasiliana"), **D. Pedro II e os sábios franceses**, a utilíssima **Bibliographie Franco-Bresilienne** (publicada pelo Instituto Nacional do Livro) e, mais recente, **O Conde de Gobineau no Brasil**, publicado pela Secretaria de Cultura do Estado e que constituiu originalmente a tese com que obteve o grau de Doutor na Universidade de Paris e fora publicada primeiramente em francês pelas Nouvelles Editions Latines, em 1934.

Da última vez em que nos encontramos — há quase dez anos — contou-me Raeders que estava preparando um livro sobre o Brasil, nos moldes da conhecida coleção francesa **La Vie Quotidienne**. Esta coleção, preciosa sob todos os aspectos, e que já conta quase uma centena de volumes, apresenta-nos a "vida quotidiana" em tudo quanto é lugar e nos mais variados momentos, mas nela nada existe sobre o nosso País. Nela, como se diz, o Brasil brilha pela ausência. O livro que Raeders tinha em mente escrever (ou talvez já estivesse escrevendo) chamar-se-ia **A vida quotidiana no Brasil de D. Pedro II** e viria preencher a sensível lacuna na valiosa coleção. Teria o mestre chegado a escrevê-lo?

Muito interessado em teatro (como bom professor de Literatura), a mais antiga lembrança que dele guardo prende-se ao grupo de teatro que lá por 1939 ou 40, fundou na Universidade de São Paulo e que se manteve por algum tempo graças exclusivamente à sua dedicação, que o levava a arcar praticamente com todas as despesas, desde a roupagem dos atores até a encenação das peças.

Lamento que as contingências da vida não me propiciassem um maior relacionamento com o grande professor. Mas não me sentiria tranqüilo se não lhe celebrasse a memória ainda que por intermédio desta modestíssima nota.

*
* * *

MEMÓRIA CAMPINEIRA (10)

O VISCONDE ANFITRIÃO DE SUAS MAJESTADES

Sob o título supra, o historiador campineiro Celso Maria de Melo Pupo apresentou interessante trabalho a um Congresso de História realizado no Rio de Janeiro em dezembro de 1975, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para comemorar o sesquicentenário do nascimento de D. Pedro II. Encarregado de opinar sobre o trabalho de Celso Maria de Melo Pupo, ainda inédito, pois os anais do referido Congresso até o momento não foram publicados, o responsável por esta publicação exarou o parecer que aqui se transcreve e no qual se ressalta o interesse da monografia do dedicado pesquisador do passado de Campinas.

Embora o autor indicasse, à guisa de subtítulo, que seu trabalho trata de "Genealogia e Heráldica", ele se reveste, também, de grande interesse para a história social. Aliás, o próprio autor o sugere, ao conceituar sua maneira de entender a genealogia, logo à página inicial: "legítimo é que se restrinja a descrição de gerações descendentes, estendendo os estudos a aspectos sociais dos antepassados". Daí a monografia do historiador campinense constituir-se em excelente achega à história social, não apenas de sua cidade, mas de São Paulo, pois, ao tratar da família Amaral Gurgel, não se limitou a suas linhas genealógicas, mas à participação de seus membros na vida social e política.

O "Visconde anfitrião", a que se refere o título, é Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, figura de intensa participação na vida econômica, social e política de Campinas e da Província paulista no século passado. É importante lembrar que o Visconde de Indaiatuba foi um dos pioneiros do trabalho livre em São Paulo, experimentando, com colonos europeus, o sistema de parceria na sua Fazenda Sete Quedas, em Campinas. Mais ainda: deixou o Visconde de Indaiatuba importante memória sobre o trabalho livre, documento precioso de nossa bibliografia, pois, como todos sabem, são bastante raros, entre nós, os escritos de fazendeiros.

Pois bem: ao Visconde de Indaiatuba coube a honra de hospedar os Imperadores nas duas visitas a Campinas, em 1875 e em 1878. É a reconstrução dessas visitas, melhor dizendo dessa hospedagem oferecida pelo fazendeiro campinense, tanto em sua fazenda como no "paço" da cidade, que o autor nos oferece em seu trabalho. Daí seu título.

Todavia, o trabalho contém muito mais do que o título sugere. Tratando do Visconde — e por natural associação — o autor cuida da